ISSN 1982-5528

REDE
REVISTA ELETRÔNICA DO PRODEMA

O PROCESSO DE INTERVENÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS DOS USUÁRIOS: praças públicas

Silvia Kimo Costa
Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UESC
Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC
E-mail: skcosta@hotmail.com

Milton Ferreira da Silva Junior
Dr. em Educação - UFBa
Dep. de Ciências Agrárias e Ambientais - UESC
E-mail: notlimfg@gmail.com

Maria Cristina Rangel
Mestre em Geografia Humana - USP
Dep. de Geografia - UESC
E-mail: cristinarangel@uol.com.br

ABSTRACT
This paper deals with the urban intervention on public squares based on the user`s perception. As object of the study, it was chosen the Square Joao Francisco de Carvalho located at Salobrinho neighborhood, in Ilheus City, state of Bahia. The starting point of the study was the change from the physic space to the living space, using the phenomenology as methodological and theoretical support. It was looking for how this square is being learned and lived by the individuals when asked for drawing and answering a semi-structured interview. It was possible to identify the significant elements that influences the living of the space by the perception`s reconstruction of the interviewers, through the correlation among the draws and answers. Based on the obtained results, it was made a preliminary revitalization study that will be discussed later, in the form of action-investigation with the community.

Key words: Urban intervention, public squares, phenomenology.

RESUMO
Este artigo aborda o processo de intervenção urbana em praças a partir da percepção de seus usuários. Como objeto de estudo foi escolhida a Praça João Francisco de Carvalho, localizada no bairro Salobrinho em Ilhéus, BA. O estudo partiu do redirecionamento do espaço físico para o de espaço vivido, utilizando a Fenomenologia como aporte teórico-metodológico. Buscou-se investigar como esta praça vêm sendo apreendida e vivida pelos indivíduos quando solicitados a desenhá-la e a responder um roteiro de entrevista semiestruturada. A reconstituição da percepção através da correlação entre os desenhos e as respostas dos entrevistados possibilitou identificar os elementos signíficos que influenciam o vivenciar deste espaço. Com base nos resultados obtidos, foi elaborado um estudo preliminar de revitalização que será discutido posteriormente, na forma de investigação ação, com a Comunidade.

Palavras-chave: Intervenção urbana; praças, fenomenologia.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente construído praça pode ser definido como um espaço social, que possibilita uma integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos sociais e culturais; simbólico, exercendo importante papel na identidade do bairro ou da cidade; e, do ponto de vista ecológico, imprescindível para a qualidade do meio ambiente urbano, pois sua configuração paisagística contribui para a melhoria da qualidade do ar, ameniza a impermeabilização do solo e modera o microclima, reduzindo as ilhas de calor.

Em virtude da magnitude desse espaço público que condensa e representa aspectos tão importantes para a sociedade, a praça tornou-se um objeto para a veiculação política e propaganda. Conseqüentemente, os processos de intervenção urbana, sejam concepções de novas praças ou revitalizações naquelas já existentes, são norteados por ditames políticos, que resultam em espaços que não atendem as necessidades dos seus usuários, nem se inserem na paisagem de forma harmônica (ROBBA & MACEDO, 2003). As propostas, na maioria das vezes, não atentam para o potencial da área, anseios da população, mobiliário adequado, inserção na malha urbana, localização, distribuição e características do entorno imediato.

Intervir num espaço como este é uma tarefa complexa, uma vez que as gratificações afetivas que trazem a cada um de seus usuários geram microrritualizações, repetição de gestos e hábitos do cotidiano, que contribuem pouco a pouco para a construção e fortalecimento de sentimentos para com o mesmo. Sendo assim, antes de um processo de intervenção é necessário procedimentos de estudo e análise que valorizem a soma dessas gratificações afetivas, próprias a cada um dos usuários envolvidos. É preciso considerar a praça como é vivida, reconstituindo a percepção daqueles que dela usufruem, e então questionar: será oportuno, suficiente e necessário revitalizá-la a partir de uma percepção sobre a percepção de seus usuários?

Portanto, partindo da premissa de que o ambiente construído praça não é apenas físico, mas também vivido, este artigo aborda o processo de intervenção urbana em praças a partir da percepção de seus usuários. Como objeto de estudo foi selecionada a Praça João Francisco de Carvalho localizada no bairro Salobrinho, na cidade de Ilhéus, Bahia. Esta praça se insere no contexto das intervenções urbanas realizadas em função de campanhas políticas na região que compreende os municípios de Ilhéus e Itabuna, e se constitui num dos principais espaços configurados para lazer e convívio social do bairro.

Utilizou-se o aporte teórico-metodológico da Fenomenologia, pois de acordo com Relph (1979), a Fenomenologia permite identificar e interpretar as estruturas da experiência vivida, possibilitando compreender suas origens, desenvolvimento e transformação, sem comprometer sua riqueza e complexidade de significados. Ainda segundo o autor, a Fenomenologia é um método de abordagem do espaço tal como é vivido.

Os dados foram obtidos através do roteiro de entrevista semiestruturada e desenhos elaborados pelos entrevistados. A análise empregou o método fenomenológico proposto por Patricia Sanders (1982) e o método de análise iconográfica desenvolvido por Salete Kozel (2001). Ao correlacionar os temas centrais obtidos através da análise iconográfica com os temas centrais obtidos através da análise do roteiro de entrevistas semiestruturadas, foi possível eleger os principais elementos significos que influenciam o vivenciar na Praça João Francisco de Carvalho e reconstituir a percepção de seus usuários frente os processos de intervenção aos quais esse espaço vem sendo submetido.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Desvendar o ambiente experienciado é uma tarefa complexa, pois o mundo vivido não é absolutamente óbvio, e seus significados não se apresentam por si mesmos, precisam ser descobertos. De acordo com Schroeder (2002), é necessário interpretar o espaço a partir de suas representações cognitivas e significativas, apreendendo-o como percebido.

A primeira instituição a propor o estudo da percepção, como método para apreender o espaço tal como é experienciado, foi a UNESCO num programa intitulado "*L homme et la biosphere*" – "o homem e a biosfera" (AMORIM FILHO, 1999). O objetivo foi reconstituir a percepção dos moradores locais em relação às áreas protegidas – tanto no contexto do ambiente construído, como no contexto natural - uma vez que, em muitos casos, estes não concordavam, ou não eram consultados, sobre a escolha de uso dos espaços de sua vida cotidiana. A intenção foi tornar o processo participativo, no sentido de levar em conta não só a percepção dos tomadores de decisão, mas acima de tudo as necessidades e aspirações daqueles que vivenciam estes espaços cotidianamente. Desde então, o estudo da percepção vem auxiliando na compreensão da relação homem/natureza, homem/ambiente construído, e no processo de gestão e planejamento participativo em diversos lugares, com o objetivo de promover a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes.

Schroeder (1996), em parceria com o *Otawa National Forest*, estudou como as pessoas experienciavam e estavam emocionalmente relacionadas ao *Black River* situado ao norte de Michigan, Estados Unidos, e como estas experiências estavam influenciando a qualidade de vida destas pessoas. Também no estado de Michigan, Ryan (2005), estudou a relação entre apego ao lugar e ambiente experienciado em três áreas naturais urbanas. Os resultados mostraram que o grau de experiência do indivíduo em relação ao lugar influencia diretamente no apego para com o mesmo. De acordo com o autor as pessoas experienciam áreas naturais urbanas através de uma variedade de atividades e oportunidades. Essas diferentes experiências podem levar a atitudes discrepantes de uso e gerenciamento das mesmas. Algumas atitudes ocasionam modificações na paisagem que podem ser percebidas tanto como positivas quanto indesejáveis. Dessa forma, entender o apego que as pessoas têm para com esses espaços pode ser o primeiro passo para compreender a raiz dessas controvérsias.

Ferreira (2005) buscou analisar o papel dos diferentes grupos sociais na gestão ambiental em unidades de conservação a partir do estudo de suas percepções, tomando como estudo de caso a Estação Ecológica de Jureia-Itatins, São Paulo. Este estudo buscou verificar se os conflitos sociais decorrentes da proibição jurídica, frente à ocupação humana no interior de uma área natural protegida de uso restrito, estavam sendo potencializados devido às diferentes percepções dos distintos grupos sociais que atuam nesta unidade de conservação.

Silva & Egler (2002) estudaram a percepção dos espaços urbanos preservados no mundo, mais especificamente as áreas naturais urbanas, através de um apanhado histórico acerca da concepção de natureza e da relação homem/ mundo natural, abordando o conhecimento das percepções como um campo em descoberta que pode determinar sentimentos, idéias, o imaginário, necessidades, expectativas e interpretação da sociedade sobre a realidade dos fatos cotidianos e as relações que a envolve.

Kashiwagi & Kozel (2005) estudaram o processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano, sob enfoque fenomenológico, tomando como estudo de caso a Favela do Parolin, Curitiba, Paraná, visando investigar as causas dos constantes insucessos

nos processos de intervenção urbana nesses espaços marginais. Este estudo buscou compreender como os moradores da Favela vivenciavam o espaço, contrapondo essa visão ao espaço concebido da cidade legal.

Rocha (2003) estudou a percepção, sob enfoque fenomenológico, desvendando os signos e significados do centro da cidade de Itabuna, destacando a importância dos espaços geográficos para seus habitantes. Espaços esses que representam um mundo em si mesmo, na percepção dos itabunenses. Machado (1993) estudou a Praça da Liberdade em Belo Horizonte, Minas Gerais, enfocando tal espaço como fenômeno experienciado pelos usuários. Este estudo identificou as percepções, atitudes e valores envolvidos na interação usuário/praça. Gomes (1997) estudou a percepção da praça enquanto ambiente construído, salientando sua importância referencial e simbólica, imprescindível para discernimento das relações espaciais em uma cidade.

Os trabalhos citados têm importantes implicações, uma vez que as ligações afetivas para com o espaço experienciado e seus significados devem ser considerados principalmente quando podem ser afetados ou modificados por aqueles que não o vivenciam. Isso evidencia a importância do estudo da percepção como instrumento de auxílio à gestão e planejamento para os espaços vivenciados cotidianamente pelo homem, sejam naturais ou pertencentes ao contexto urbano.

2.1 A Praça João Francisco de Carvalho

A Praça João Francisco de Carvalho (Figura 1) situa-se no Salobrinho; um bairro localizado no Km 16 às margens da rodovia Ilhéus/ Itabuna, nas coordenadas geográficas: 14º, 47’ e 56’’ S e 39º, 10’ e 36’’ W, que não apresenta contigüidade ao espaço densamente construído da cidade de Ilhéus, BA. Possui conformação espacial aparentemente desordenada e é desprovido de infraestrutura e serviços urbanos. Como os parâmetros urbanísticos do município (dimensionamento padrão de lotes, índices de ocupação, limites de afastamentos laterais, frontais e de fundo e gabarito máximo permitido), não podem ser aplicados ao bairro, em virtude de seu histórico de ocupação, que caracterizou a área como um assentamento subnormal, as edificações ocupam praticamente 100% dos terrenos onde estão implantadas, ocasionando alto índice de insalubridade. A tipologia das residências e estabelecimentos comerciais varia desde o sapê, adobe, à estrutura em alvenaria.



Praça João Francisco de Carvalho

Figura 1 – Localização visual da Praça João Francisco de Carvalho

A Praça João Francisco de Carvalho (Figura 2) constitui-se num dos principais espaços públicos configurados para lazer e convívio social no bairro. Foi construída em 1989, fruto de campanhas para as eleições municipais (PEREIRA, 1984). Está inserida numa cota de elevação de 1.75m em relação ao nível da rodovia, ocupando área equivalente a 312m².

Pode ser classificada, de acordo com Angelis *et al* (2004), como praça originária do traçado viário, pelo cruzamento de quatro vias proporcionando o subtipo de praças quadrangulares e retangulares. Apresenta canteiros laterais e centrais elevados sobre estrutura em alvenaria e impermeabilização do solo através da concretagem. Não há mobiliário urbano e as poucas árvores existentes possuem raízes aéreas que comprometem a pavimentação. O acesso a este espaço se dá através de escadarias.

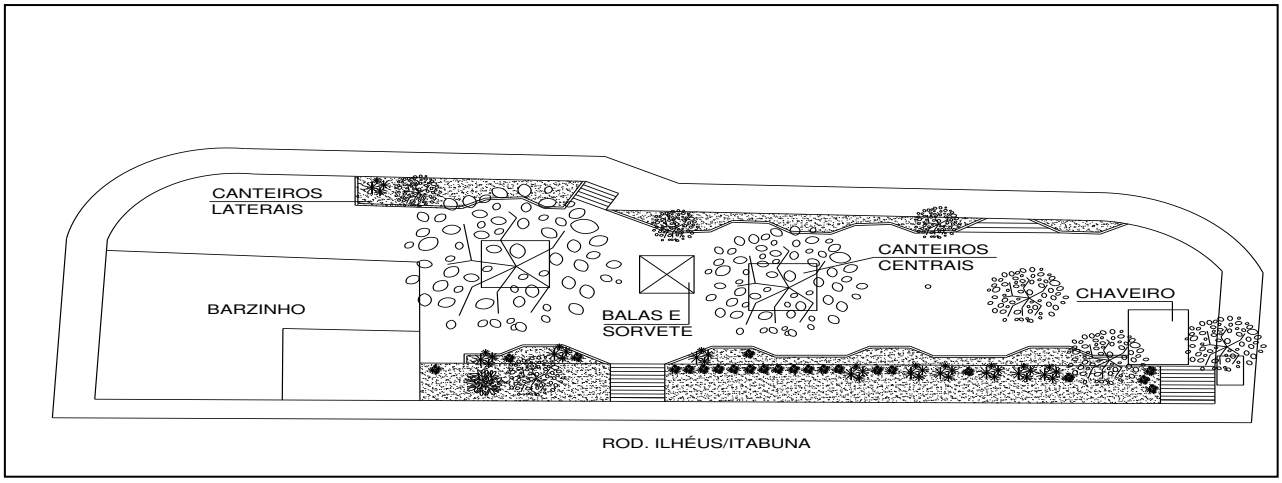

Figura 2 - Planta baixa da Praça João Francisco de Carvalho

Este espaço público também se caracteriza pela predominância de pontos comercias, tanto em seu entorno imediato, quanto em seu espaço físico. Atualmente vem servindo como ponto de chegada e saída do ônibus que transita nos sentidos Salobrinho – centro da cidade de Ilhéus, Salobrinho – centro da cidade de Itabuna, cidade de Ilhéus – cidade de Itabuna, e vice versa. Em virtude de tais características este espaço público vem sendo frequentado por três grupos sociais principais: 1. pessoas que estão na praça em tempo curto apenas para esperar o ônibus; 2. pessoas que a frequentam para atividades relacionadas ao lazer e ao convívio social e 3. pessoas que a utilizam como ponto comercial.

3 METODOLOGIA

3.1 Procedimentos de coleta e análise de dados

Foi elaborado e aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada abordando os seguintes temas:

1. Identificação e uso das praças - questionamentos referentes à frequência de uso da praça, tempo de permanência e motivos de frequência;

2. Função das praças – questionamentos conceituais referentes à palavra praça e qual o impacto e significado deste espaço no dia-a-dia do usuário,

3. Valores e sentimentos – questionamentos referentes ao que o usuário gosta, não gosta e o que gostaria que fosse modificado no espaço físico praça;

4. Administração – questionamentos referentes à conduta do poder público municipal e do usuário em relação à praça.

As entrevistas foram gravadas e ao findar os questionamentos, o usuário foi convidado a desenhar a Praça João Francisco de Carvalho. Esses desenhos objetivaram averiguar quais os elementos que aparecem com maior constância na lembrança do usuário quando instado a representá-la graficamente. Segundo Kozel (2001), esses desenhos constituem-se nas imagens imediatas do espaço vivido, frutos das relações indivíduos/ espaço, indivíduos/ indivíduos, e da capacidade de cada um de abstrair do mundo real o que é visível apenas em si mesmo.

Conforme orienta Sanders (1982), as entrevistas foram transcritas e procedeu-se com a identificação dos temas ou invariantes que emergiram das respostas dos participantes da pesquisa. Por conseguinte, efetuou-se a junção dos temas em idéias centrais. Em paralelo foram analisados os desenhos elaborados pelos entrevistados e correlacionaram-se as ideias centrais com as principais invariantes emergentes da análise iconográfica.

Por fim, foi elaborado um estudo preliminar de (re)configuração da Praça João Francisco de Carvalho, produto da percepção do arquiteto/ pesquisador da percepção dos usuários da referida Praça, que posteriormente será submetido à Comunidade contemplando as etapas da investigação ação conforme Tripp (2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A correlação entre as ideias centrais provenientes das entrevistas com os temas ou invariantes emergentes da análise iconográfica permitiu obter elementos físicos e de ordem conceitual e simbólica que diretamente influenciam o vivenciar na Praça João Francisco de Carvalho.

Dentre os elementos físicos a infraestrutura como um todo e a organização espacial da praça apresentaram forte impacto negativo na percepção dos usuários. A arborização e os canteiros existentes foram os ícones mais representados nos desenhos; para o usuário esses elementos são características referenciais da praça, sem os quais a mesma não poderia ser reconhecida como tal. A sujeira e a falta de manutenção aparecem associadas ao descontentamento em relação à infraestrutura; nos desenhos a “sujeira” é representada pelo ícone relacionado à boca de lobo localizada próxima às escadarias de acesso e pelas letras “água parada”, “sujeira pura”.

Outro elemento físico que tem forte impacto no vivenciar da Praça João Francisco de Carvalho é o comércio. Verificou-se que o comércio influencia diretamente a quantidade de usuários na praça, os dias de maiores frequência, o tempo de permanência e o motivo de freqüência. O ícone referente ao comércio mais representado nos desenhos e citado nas entrevistas foi a barraca que vende sorvetes e balas. Para os usuários a barraca de sorvetes está associada ao lazer e ao bem estar. Em contrapartida o “barzinho” tem impacto negativo; na percepção dos usuários o bar ocupa uma área privilegiada da praça, impede a visualização do espaço, o acesso e a instalação de equipamentos recreativos como parque infantil.

Os principais elementos de ordem conceitual e simbólica verificados foram: o lazer e o convívio social. Na percepção dos usuários, essas expressões são inerentes a palavra Praça,

para eles a Praça João Francisco de Carvalho é local de diversão, entretenimento, contemplação, relaxamento, local para encontrar amigos, namorar, brincar.

Considerando os elementos de ordem conceitual e simbólica, conclui-se que a Praça João Francisco de Carvalho pode ser identificada como um ponto Nodal, pois vem funcionando como "foco ou síntese do bairro, sobre o qual sua influência se irradia e do qual é símbolo" (LYNCH, 1980, p.53). Entretanto, frente às mudanças precárias da infraestrutura, ditadas por interesses políticos que advém desde sua implantação, como: retirada de parte do piso, emendas, quebras de canteiros, reconstrução de canteiros e permissividade de ocupação do espaço público por estabelecimentos comerciais indesejáveis, a experiência simbólica deste espaço vem sendo comprometida.

De acordo com Harvey (1992), o desenho urbano de um espaço público depende não só das relações sociais, mas também da experiência simbólica do espaço; esta última por sua vez depende das interações entre significado simbólico, forma e comportamento espacial.

Na percepção dos usuários da Praça João Francisco de Carvalho os elementos conceituais e simbólicos que se relacionam à palavra Praça estão claros; foi verificado que há a associação de idéias baseadas em uma convenção que permite reconhecer o objeto, o signo. Entretanto, os elementos físicos referentes à infra-estrutura comprometem essa identificação, ou seja, não há a interação entre significado simbólico, forma, e comportamento espacial. Conseqüentemente, ao intervir num espaço público como este sem considerar a percepção daqueles que dele usufruem, os interventores tornaram a Praça João Francisco de Carvalho um local indesejável, desagradável.

Intervenções em espaços públicos, desnecessárias e incoerentes com a percepção de seus usuários, aliadas à falta de manutenção sistemática, compromete sua existência (ROBBA & MACEDO, 2003). Os usuários deixam de freqüentá-los, e sem usuários o espaço público perde seu significado.

Com base na reconstituição da percepção ambiental dos usuários foi elaborado um estudo preliminar de (re)configuração da Praça João Francisco de Carvalho (Figura 4).

A conformação retangular da Praça, assim como os acessos principais foram mantidos, já que tais elementos não se apresentaram de forma negativa na percepção dos usuários. Sugeriu-se mobiliário urbano como bancos, lixeiras. Os pequenos canteiros laterais e centrais, suspensos em estrutura de alvenaria, foram removidos, dando lugar a grandes áreas circulares na cota do piso. Estas áreas têm por objetivo abrigar vegetação variada, a ser sugerida, e as árvores de grande porte já existentes, oferecendo espaço para acomodação das raízes, de forma que estas últimas não venham comprometer o piso da Praça futuramente

Os elementos físicos como, a *bombonière*, que têm impacto positivo na percepção dos usuários, foram mantidos. O "barzinho", que se apresenta de maneira negativa na percepção dos usuários, foi removido (podendo ser relocado no entorno da praça próximo aos outros pontos comerciais já existentes), e em seu lugar foi sugerido um parque infantil. Também foi sugerido um espaço com mesas para jogos de dama, xadrez, carteado, dentre outros.

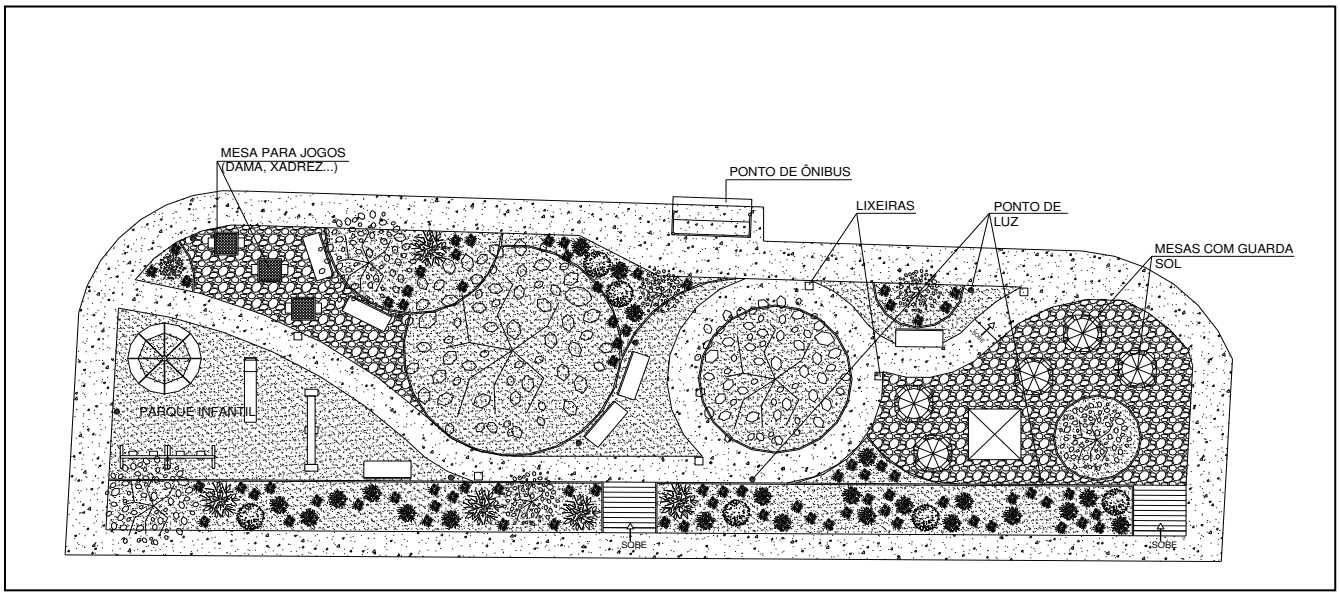

Figura 3 - Estudo prelimar – Planta baixa da Praça João Francisco de Carvalho

O Estudo da percepção ambiental, sob enfoque fenomenológico, permite desvendar a experiência vivida tal qual se apresenta, sem qualquer pré-julgamento por parte do pesquisador. Entretanto, como se dá a percepção do arquiteto/ pesquisador da percepção dos usuários da Praça João Francisco de Carvalho, no momento em que esta última precisa sair do campo dos resultados para se tornar elemento de (re) reconfiguração do espaço físico?

De acordo com Duarte & Gonçalves (2004), a percepção ambiental é inclusiva, rompe com a distinção sujeito-objeto, pois ambos estão engajados num só processo. Entretanto, a formação do arquiteto centrada no ideal, nos termos de referência, faz com o que o espaço seja pensado separado daquele que o experiencia. Segundo Carneiro & Lipai (2007) a arquitetura é fundamentada no pensamento racionalista, observando variáveis técnicas como: representação gráfica, especificação dos materiais que serão empregados, custos de execução, técnicas construtivas, otimização funcional.

Consequentemente, os significados simbólicos e emocionais presentes no vivenciar dos usuários da Praça João Francisco de Carvalho tornaram-se difíceis de serem representados; a (re) configuração de tal espaço culminou por tomar como base as variáveis relacionadas ao físico, ao palpável, aquilo que pode ser dimensionado, mensurado.

Embora o estudo preliminar ainda esteja para ser apresentado à Comunidade para discussão, é importante uma reflexão sobre a metodologia que será utilizada. Não se trata de obter do "cliente" um parecer favorável ou não sobre o projeto, mas sim de uma investigação ação objetivando aguçar ainda mais a percepção do usuário, observar o que é modificado ou não em sua inter-relação com a Praça a partir do estudo preliminar, quais os elementos físicos e de ordem conceitual e simbólica que se confirmam ou não e os que poderão surgir, e como trazê-los para (re) configuração do espaço sem que a normatização e a técnica comprometam sua essência.

CONCLUSÕES

O estudo da percepção, sob enfoque teórico-metodológico da Fenomenologia, demonstrou ser um eficaz método de abordagem do espaço vivido, pois permitiu identificar não só elementos físicos que influenciam o vivenciar da Praça João Francisco de Carvalho, mas principalmente elementos de ordem conceitual e simbólica, possibilitando obter informações referentes à identificação, importância, impacto e significado para o bairro onde está inserida. O estudo partiu do redirecionamento do espaço físico para o espaço vivido que é constantemente (re)construído a partir daqueles que o experienciam, restabelecendo o contato entre o mundo e as significações.

Com base nos resultados obtidos, foi elaborado um estudo preliminar de (re) configuração da Praça João Francisco de Carvalho. Entretanto verificou-se que os elementos técnicos considerados para elaboração do projeto, fazem com que o espaço analisado como vivido seja redirecionado a uma abordagem apenas física, concreta, sacrificando os elementos signíficos. Sendo assim, conclui-se que o processo de intervenção neste espaço poderá depender de três momentos: 1. a reconstituição da percepção dos usuários; 2. a percepção da percepção dos usuários que poderá ou não culminar em um estudo preliminar; 3. o retorno do pesquisador ao usuário. Os dois primeiros momentos já foram contemplados. Quanto ao último, o retorno do pesquisador aos usuários será efetuado sob abordagem da investigação ação, no intuito de tentar trazer para a (re) configuração deste espaço os elementos signíficos que se perderam no momento da técnica de projeto.

O estudo da percepção ambiental, sob enfoque fenomenológico, pode ser utilizado como ferramenta de apoio aos processos de intervenção em espaços públicos urbanos. Entretanto, sua viabilização não é imediata, tanto a aplicação do método proposto por Sanders (1982) como por Kozel (2001), demanda tempo. Porém, no contexto das intervenções urbanas planejadas tal estudo, como ferramenta de apoio ao processo, poderá trazer resultados positivos significativos, pois resultará em desenhos urbanos condizentes com a experiência simbólica do espaço, anseios, necessidades da população local e, harmoniosos, com o entorno construído e natural.

Artigo recebido em: 30/10/2009
Artigo aceito em: 02/12/2009

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, n. 21 e 22, p. 67-87, jan/dez. 1999.

ANGELIS, B. L.; CASTRO, R. M. de.; NETO, G. de A. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. **Engenharia Civil Um**, Maringá, nº 20, 2004. p. 57-70.

CARNEIRO, S. R. F. M; LIPAI, A. E. Arquitetura, psicologia e Arte: Múltiplas realidades do sentir e perceber o espaço. *In:* **II Colóquio de Psicologia da Arte:** a correspondência da arte e a unidade dos sentidos. São Paulo: II Simpósio de Psicologia da Arte, 2007. p.01-09.

DUARTE, R. B.; GONÇALVES, A. A. F. **Psicologia e Arquitetura**: uma integração acadêmica pela construção perceptiva do ambiente. Londrina: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do meio ambiente, 2004. p. 01-14.

FERREIRA, C. P. **Gestão e Percepção Ambiental na Estação Ecológica de Juréia-Itatins, SP**. 2005. 114p. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOMES, E. C. **Percepção do ambiente construído**: a praça. 1997. 203p. Tese (doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

KASHIWAGI, H. M.; KOZEL, S. O Processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano: o caso da favela do Parolin em Curitiba, Paraná. **R. RA´E GA**, Curitiba, n. 9, p. 69-82, 2005. Editora UFPR, nº 09, 2005. p. 69-82.

KOZEL, S. **Imagens e linguagens do geográfico**. 2001. 310p. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACHADO, L. P. A Praça da Liberdade na percepção do usuário. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 5, nº 1, 1993. p. 18-33.

PEREIRA, S. **Salobrinho**: encantos e desencantos de um povoado. Itabuna: Gráfica Editora Ltda, 1984.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 4, nº 7, 1979, p. 1-25.

ROBBA, F.; MACEDO, S.S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2003.

ROCHA, L. B. **O Centro da cidade de Itabuna:** trajetória, signos e significados. Ilhéus: Editus, 2003.

RYAN, R. L. Exploring the effects of Environmental Experience on attachment to Urban Natural Areas. **Environment and Behavior**, USA, v.37, nº 3, 2005. p. 1-41.

SANDERS, P. Phenomenology: a New Way of Viewing Organizational Research. **Academy of Management Review**, USA, v. 7, nº 3, 1982. p. 353-360.

SCHROEDER, H. W.. Ecology of the heart: understanding how the people experience natural environments. *In*: Natural Resource Management: The Human Dimension. Boulder, **Westview Press**, CO, 1996. p. 13-27.

_____. Experiencing Nature in Special Places: surveys in the North-Central region. **Journal of Forestry**, V. 5, nº 100, 2002. p. 8-14.

SILVA, L. J. M.; EGLER, I. **O Estudo da percepção em espaços urbanos preservados**. São Paulo: I Encontro Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Ambiente e Sociedade – Sustentabilidade e Cidades, 2002. p.1-10.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, 2005, vol.31, n.3, p. 443-466, set/ dez. 2005.